



CURSINHO POPULAR CAROLINA MARIA DE JESUS DA UFSCAR LAGOA DO SINO: SUJEITO, SENTIDO E IMAGINÁRIO

Ilka de Oliveira Mota

Universidade Federal de São Carlos

Email: ilka.mota@ufscar.br

André Pereira

Universidade Federal de São Carlos

Email: andrepsilva.bio@gmail.com

Leonardo Paes Niero

Universidade Federal de São Carlos

Email: leonardoniero@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa analisou os modos de representação imaginária do sujeito-aluno sobre o cursinho popular Carolina Maria de Jesus, buscando compreender os processos de identificação que irrompem no fio do discurso. O cursinho popular é uma iniciativa de um grupo de servidores públicos e alunos da Universidade Federal de São Carlos sensíveis a questões caras à nossa sociedade: o acesso à universidade pública gratuita e de qualidade e a construção de uma consciência crítica sobre a realidade e a importância da educação no processo de transformação social. Para isso, apoiou-se no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso. O resultado apontou para o fato de que o cursinho popular tem exercido um papel fundamental no processo de subjetivação dos sujeitos e no deslocamento de traços da identidade.

Palavras-chave: Cursinhos Populares. Imaginário. Sujeito.

THE CAROLINA MARIA DE JESUS COMMUNITARIAN COURSE OF UFSCAR LAGOA DO SINO: SUBJECT, MEANING AND IMAGINARY

ABSTRACT

This research analyzed the modes of imaginary representation of the subject-student on the Carolina Maria de Jesus Communitarian Course, trying to understand the processes of identification that erupt in the thread of the discourse. The communitarian course is an initiative of a group of public workers and students of the Federal University of São Carlos sensitive to important issues to our society: access to a free and quality public university and the construction of a critical awareness about the

reality and the importance of education in the process of social transformation. The research based on the theoretical-methodological apparatus of Discourse Analysis. The result pointed to the fact that the Carolina Maria de Jesus communitarian course has played a fundamental role in the subjectivation process of the subjects and in the displacement of identity traits.

Keywords: Communitarian Courses. Imaginary. Subject.

INTRODUÇÃO

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, constituir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.
(Paulo Freire)

O presente trabalho tem por objetivo fundamental trazer à baila os modos de funcionamento discursivo do cursinho popular Carolina Maria de Jesus (CMJ, doravante), localizado na cidade de Buri, próxima à cidade Campina do Monte Alegre, sudoeste paulista, inclinando o olhar para as representações imaginárias que os alunos fazem dele.

O cursinho popular CMJ é resultado da iniciativa de alunos e de um grupo de servidores públicos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), *campus* Lagoa do Sino¹, que teve início no ano de 2016. Nele atuam professores, técnicos administrativos e de laboratórios e discentes dos 5 (cinco) cursos do referido campus, a saber: Engenharia de Alimentos, Engenharia Ambiental, Engenharia Agrônômica, Administração e Biologia da Conservação.

A fim de situar o leitor a respeito de nosso objeto, acreditamos ser necessário delinear as condições de produção e de existência do cursinho popular CMJ.

O cursinho é resultado de um projeto mais amplo: ele está inserido no ideal que motivou a implantação do *campus* Lagoa do Sino em Buri e entorno, qual seja: o desenvolvimento da região (nos níveis social, econômico e cultural, por exemplo) em que a universidade está situada. Vale dizer que, embora o campus esteja localizado na cidade de Buri, geograficamente ele está mais próximo da cidade de Campina do Monte Alegre, mais

¹ O *campus* Lagoa do Sino está situado em uma fazenda doada pelo escritor brasileiro Raduan Nassar. Vale dizer que Raduan recebeu, no ano de 2017, o prêmio Camões de Literatura.

conhecida como Campininha. Daí a razão de centrarmos, no presente estudo, a nossa atenção nesta cidade.

Após a presente introdução, apresentaremos três seções. Na primeira seção, discorreremos sobre a realidade socioeconômica e histórica do município de Campina do Monte Alegre, cidade onde o cursinho CMJ está situado². Já na segunda traremos para a reflexão uma discussão sobre os cursinhos populares a fim de compreender o seu modo de funcionamento e as questões sociais e históricas que deles suscitam. Finalmente, na terceira seção, analisaremos, sob a luz da Análise de Discurso de cunho materialista, as representações imaginárias sobre o cursinho popular CMJ que permeiam a fala dos alunos que o frequentam. O objetivo é compreender o imaginário construído socialmente sobre o CMJ e sua relação com o processo de subjetivação dos alunos. Na sequência, seguem as considerações finais e as referências.

CAMPINA DO MONTE ALEGRE E REGIÃO: CONDIÇÕES MATERIAIS DE EXISTÊNCIA

O município de Campina do Monte Alegre possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Municipal de 0,717, ocupando um preocupante 494º lugar em um total de 645 municípios no estado de São Paulo. Cidades da região como Buri (636 º), Riversul (637 º), Guareí (612 º), Angatuba (476º), Ribeirão Branco (645 º, o pior IDH do estado), entre outras, também estão entre as cidades com os menores Índices de Desenvolvimento Humano do estado. A situação de Campina do Monte Alegre piora ao tratarmos o IDH relativo à renda, ocupando o 502º lugar e o IDH relativo à educação, ocupando o 524º lugar no estado (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, 2010). O município conta também com um índice de pobreza de 38,62%, acima do índice estadual de 26,6% (IBGE, 2010).

A área ocupada pelo município é de 185.031km². Nela há dois estabelecimentos de saúdes vinculados ao SUS e o PIB *per capita* é de 16.675 reais. O último censo realizado no ano de 2010 indicou uma população de 5.567 habitantes. Destes, 1388 são jovens (15 a 29 anos), 4.710 vivem na zona urbana e 857 na zona rural. Do total de habitantes, 14 pessoas são estrangeiras, 2.243 pessoas não são naturais do município e 298 pessoas não são naturais do estado de São Paulo (IBGE, 2010).

² Embora esteja localizado na cidade de Campina de Monte Alegre, o cursinho popular CMJ atende as duas cidades próximas, Buri e Angatuba.

Um importante dado do município está relacionado à concentração fundiária. Segundo os dados do Levantamento das Unidades de Produção Agropecuárias (LUPA) do estado de São Paulo haviam, no município de Campina do Monte Alegre, 318 unidades de produção agropecuária, sendo que 269 eram de até 50ha. Essas pequenas propriedades representam quase 85% das propriedades do município. Porém ao avaliarmos os dados municipais, do total de hectares, 15.634ha, nem 10% da área total é ocupada por essas propriedades, que ocupam somente 1.516ha.

Quanto à renda *per capita*, 2,5% das pessoas ganham menos de 70 reais mensais, 11,9% ganham até 127 reais e 39,8% ganham até 255 reais. (IBGE, 2010). A população com algum tipo de ocupação soma 2.249 pessoas, enquanto 2.476 estão sem ocupação. A maioria da população economicamente ativa não tem instrução ou com ensino fundamental incompleto, somando 1.155 pessoas.

A renda *per capita* mensal dos brancos (858 reais) é superior a renda de negros (734 reais) e pardos (668 reais), assim como a renda dos homens (920 reais) é maior do que a renda das mulheres (659 reais). Brancos com carteira assinada somam 623 pessoas, enquanto somente 17 negros tinham a carteira assinada e não existiam negros com renda maior que 2 salários mínimos (os brancos chegam a ganhar até mais que 10 salários mínimos) (IBGE, 2010).

O município conta com 1.808 domicílios, onde apenas 358 tem acesso à internet e 1.695 tem acesso à televisão. São 1.539 domicílios que possuem alvenaria com revestimento, 731 domicílios com 1 morador por dormitório, 810 com 1 a 2 moradores por dormitório e 216 com 2 a 3 moradores por dormitório. Em relação a renda domiciliar existem 19 domicílios com rendimento domiciliar de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo, 242 de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, 568 de 1 a 2 salários mínimos, 718 de 2 a 5 salários mínimos, 179 de 5 a 10 salários mínimos, 23 de 10 a 20 salários mínimos e 10 com mais de 20 salários mínimos (lembrando que o salário mínimo é de 880 reais, existem famílias que ganham até 440 reais, enquanto outras famílias ganham mais de 17600 reais). Assim como a média de rendimentos dos homens (999 reais) é superior à média das mulheres (693 reais) (IBGE, 2010).

São 189 pessoas com rendimento de até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo, 161 de $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{2}$ salário mínimo, 1235 de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, 1123 de 1 a 2 salários mínimos, 282 de 2 a 3 salários mínimos, 202 de 3 a 5 salários mínimos, 69 de 5 a 10 salários mínimos, 12 de 10 a 15 salários mínimos, 10 pessoas com mais de 30 salários mínimos e 1143 pessoas sem

rendimentos. Fazendo novamente os cálculos, enquanto alguns ganham 220 reais, outros ganham mais que 26400 reais (IBGE, 2010).

As principais ocupações dos moradores de Campina do Monte Alegre são agropecuária e pesca com 690 pessoas, indústria extrativa 3 pessoas, indústria de transformação 241 pessoas, atividades relacionadas à água e esgoto 15 pessoas, construção civil 196 pessoas, transporte e correio 46 pessoas, alojamento e alimentação 105 pessoas, atividades financeiras e de comunicação 4 pessoas, atividades científicas e técnicas 33 pessoas, atividades administrativas 28 pessoas, administração pública 97 pessoas, educação 121 pessoas, saúde 82 pessoas, arte e cultura 23 pessoas, serviços domésticos 174 pessoas, diretores e gerentes 81 pessoas, ciência e intelectuais 137 pessoas, técnicos e profissionais de nível médio 64 pessoas, apoio administrativo 58 pessoas e atividades dos serviços e comércio 293 pessoas. A jornada de trabalho da maioria da população economicamente ativa está na faixa de 40 a 44 horas semanais. Dos 1703 empregados, 679 não tem carteira assinada (IBGE, 2010).

Entre os principais produtos agropecuários podemos citar a produção de arroz, feijão, milho, soja, batata, cana-de-açúcar, mandioca, melancia, trigo, galináceos, bovinos, caprinos, ovinos e suínos. Ocorre também a produção de leite, ovos, mel e seus derivados.

CURSINHOS POPULARES

Neste trabalho, interessa-nos compreender, entre outras coisas, as motivações entorno do surgimento (aparição) dos cursinhos populares a partir de uma perspectiva discursiva.

Dado o contexto educacional do Brasil, podemos considerar os cursinhos populares como uma espécie de ações afirmativas, pois sua principal atividade pretende eliminar ou mitigar as barreiras que o sistema capitalista proclama ter destruído pela formação das chamadas classes “abertas”, quando, na prática, ainda se existe o fomento da formação de espaços acessíveis somente para aqueles que ocupam as melhores posições na pirâmide econômica e social (BONFIM, 2003; ROMANELLI, 1994; WHITAKER 2010; D’Ávila et al 2006; SAFFIOTI & GONÇALVES FILHO, 2008).

Os primeiros cursinhos populares surgem no final do século XX, juntamente com o alvoroço provocado pelos movimentos sociais, pela criação de ações afirmativas e pela luta contra a exclusão e o racismo (WHITAKER, 2010). Tal acontecimento vai ao encontro com o

construído por Florestan Fernandes de que “os de baixo” costumeiramente se apropriam de práticas da elite (WHITAKER, 2010).

Viver em um país cuja educação superior atende aos interesses da elite (BONFIM, 2003; ROMANELLI, 1994) leva pessoas pertencentes às camadas menos favorecidas (e, logo, tendo à disposição as piores condições de educação, quando optam por ingressar no ensino superior, acabam por se encontrar a margem de uma boa preparação, levando-se em consideração que o vestibular se configura além de um medidor de conhecimento mas, também, como um gerador de ansiedade (D'AVILA et al., 2006).

Neste sentido, os cursinhos populares trazem em seu bojo uma contradição: ao mesmo tempo em que promovem (ou tentam promover) a entrada dos menos favorecidos no ensino superior – no passado, privilégio somente da elite –, eles apontam para um problema da realidade brasileira: o fracasso do sistema educacional público em preparar seus jovens para o vestibular (WHITAKER e FIAMENGUE, 2001). É sabido que tal sistema, representado pelo “efeito cursinho” (WHITAKER, 1989), que delimita a necessidade de se estudar em um cursinho para se acessar o ensino superior, apresenta práticas de ensino tidas como antipedagógicas, ligadas a repetições mnemônicas, não havendo espaço para debates e reflexões críticas dos esquemas de assimilação (PIAGET, 1966 apud WHITAKER, 2010). Os cursinhos populares remontam tal lógica, fornecendo a dinâmica antipedagógica necessária para o acesso ao vestibular, mas, ao mesmo tempo, associam ao contexto educacional práticas que contemplam questões sociais voltadas a contextos específicos da criação de tais cursinhos, como, por exemplo, causas relacionadas à temática afrodescendente (Vitorino, 2009).

A contradição a qual nos referimos acima pode ser mais bem apreciada nas palavras de Pereira, Raizer, Meirelles (2010):

Respondendo aos imperativos que produzem a ordem material e simbólica da sociedade e compreendendo esta sociedade como assimétrica e carente de justiça social, os cursos pré-vestibulares de caráter popular nascem com o intuito de incidir concretamente neste quadro. Historicamente, o ensino superior reveste-se, em nosso país, de um caráter elitista e acessível, portanto, aos segmentos detentores de capital. As classes populares, apesar de financiar as instituições públicas, estão invariavelmente excluídas do ensino superior público e gratuito.

Os cursinhos populares trazem uma experiência pessoal com traços psicossociais positivos, marcados pela concepção de um espaço que vai além da formação técnica, no qual os agentes do cursinhos são vistos como indivíduos marcantes na relação com que o(a) educando(a) enxerga os estudos (SAFFIOTTI & GONÇALVES FILHO, 2008).

Igarapé, v. 11, n. 1, 2018, p. 83-96

A concepção de cursinhos populares comumente se associa aos contextos representados pela educação popular, com a direção particular do que foi descrito por Paulo Freire. Segundo Freire (1970), o processo educativo no Brasil remonta a criação de espaços de valorização de contextos elitistas, visto que tal elite toma as decisões no país. Freire defende que o poder decisório possa ser compreendido como “Palavra” e que àqueles que a detêm não costumam abrir mão de sua posse. Assim sendo, a Palavra reproduz o contexto de vida da população e só pode ser firmemente representada por aqueles que as possui. Assim sendo, o Diálogo, entendendo-se aqui como estrutura de tomada de decisão que leva em consideração as diferentes camadas da sociedade, deve ser de representatividade popular, dada a maior quantidade de pessoas em contextos não elitistas de nosso país (FREIRE, 1970). Compreende-se, na educação popular, que de nossa população é tirado não somente o acesso, mas a possibilidade de conhecimento da problemática educacional como um todo. Assim, encerra-se a questão em lógicas que afastam a verdadeira representatividade popular, como, por exemplo, a lógica meritocrática (KEUEUZER, 2000). A mudança se dará somente quando a Palavra tiver como representantes os membros “oprimidos” da população. A educação popular, ao formar uma pessoa capaz de acessar espaços elitistas, procura capacitar que o oprimido possa, além de acessar, incutir sua Palavra no espaço alcançado, levando-o a uma tomada do Diálogo e proporcionando uma real mudança da sociedade.

Uma clara demonstração de que a formulação dos espaços sempre respeitou a lógica elitista está nos dados levantados pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em 2006, 79,9% dos alunos ingressantes na UFSCar advinham de escolas particulares e, em 2005, 77,5% compreendiam pessoas declaradas brancas. Tal percentual destoante da realidade brasileira só se modificou com a implementação da lei Federal 12.711/2012 (BRASIL, 2012) que instituiu reserva de vagas como política nacional aplicada a todas as Instituições Federais de Ensino no país. Tal lei visa garantir uma coerente proporcionalidade de presença no ensino superior público e gratuito relacionada à composição da população brasileira, garantindo, a partir do ano de 2014, que 50% das vagas fossem reservadas e divididas entre grupos que apresentassem a população negra, de baixa renda e provenientes de escola pública.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO CURSINHO POPULAR CAROLINA MARIA DE JESUS

Como já dito, o cursinho popular Carolina Maria de Jesus está localizado na cidade de Campina de Monte Alegre, mais exatamente na Escola Estadual Renato Rocha Miranda e

Igarapé, v. 11, n. 1, 2018, p. 83-96

funciona de segunda à sexta-feira, durante o período das 19h às 23h, com 5 aulas de 45 minutos cada e um intervalo de 15 minutos.

Inicialmente, no primeiro ano de atividade (2016), começamos a atender um total de 80 alunos, divididos em duas turmas de 40 alunos, uma proveniente do Município de Buri e a outra de Campina do Monte Alegre. Atualmente esse número aumentou significativamente, com um total de 120 estudantes e a participação, em uma nova turma de mais um Município, Angatuba. O conteúdo abordado corresponde a todos os saberes pertinentes ao exigido no ENEM, a saber: Matemática, Gramática, Interpretação de Texto, redação, Biologia, Física, Química, História, Geografia, Inglês, Espanhol e Sociologia, além de atividades de monitoria para resolução de exercícios e dúvidas. Às sextas-feiras são promovidas atividades extracurriculares lúdicas e não tecnicistas, com o intuito de fomentar a formação crítica, o questionamento racional e a visão de mundo da sociedade. Esse dia é a toda a comunidade, não se restringindo aos alunos inscritos no cursinho. A ideia é envolver a comunidade no diálogo sobre as questões sociais, históricas etc., levantadas no encontro. Soma-se às sextas-feiras, a busca por um intenso diálogo com os(as) educandos(as), criando-se um contexto de formação horizontal no qual todos ensinam e todos aprendem.

Os professores do cursinho são em sua maioria alunos e técnicos da UFSCar, sendo rara a participação de docentes. Dos 40 membros, em 2016, dez compreendiam servidores técnicos administrativos, 25 discentes, 3 membros externos e, somente, 2 docentes.

Outra importante característica do projeto é a formulação de parcerias que garantem a promoção de um espaço de ensino 100% gratuito e voltado para os mais pobres. Tais parcerias se deram por meio das estruturas municipais, que forneceram impressão de material, transporte gratuito (para os alunos de Buri e, posteriormente, de Angatuba) a cessão de espaço, por Campina do Monte Alegre e a articulação com órgãos, tais como o CRAS³ e as Secretarias da Educação. Em 2016, o cursinho não dispunha de parceria para o provimento de alimentação gratuita, o que foi superado com doações advindas em maior quantidade pelos membros do cursinho e, em menor quantidade, por pessoas sensíveis ao projeto. A partir de 2017, o projeto passa a contar com alimentação fornecida pela Prefeitura de Campina do Monte Alegre.

POR QUE “CAROLINA MARIA DE JESUS”?

³ Centro de Referência de Assistência Social.

O nome do cursinho popular deve-se à luta que a escritora brasileira, Carolina Maria de Jesus, enfrentou contra o sistema de educação brasileira, sistema esse elitista, segregador e gerador de desigualdade social.

Mulher, negra, semianalfabeta, moradora de favela e catadora de material reciclável, Carolina se valia de materiais escolares encontrados no lixo para registrar o cotidiano da comunidade em que habitava. Em 1960, publicou seu primeiro livro “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, que vendeu 100 mil exemplares. O livro foi traduzido para 13 idiomas e circulou em mais de 40 países. Hoje é considerada umas das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. Além de uma história de superação e vitória, Carolina Maria de Jesus representa uma verdade que persiste até hoje, a de que os menos favorecidos devem se esforçar em demasia, em detrimento das complicações de inerência cultural as quais eles estão expostos para alcançar patamares educacionais e sociais. O que se traduz, na sociedade, como uma relação pobre e avassaladora, chamada, mesmo dentro de um contexto social de desigualdades extremas, de “meritocracia”.

Assim, o cursinho popular Carolina Maria de Jesus da UFSCAR Campus Lagoa do Sino vale-se da história de luta de uma escritora negra para afirmar o nosso ideal, qual seja: contribuir para a formação de “Carolinas”, porém, com menos desigualdade e sofrimento, negando a noção errônea de “meritocracia” e associando ao ensino médio elementos sociais e culturais que culminem na diminuição do fosso, até hoje existente, entre o ensino fornecido à elite e ao restante da população brasileira. A transformação do sistema de ensino brasileiro somente acontecerá quando os passivos da péssima qualidade de ensino se tornarem classe intelectual proponente dos futuros processos pedagógicos. Assim, histórias, como a de Carolina, não serão encaradas como “anormalidades” no sistema educacional, mas, sim, como resultado coerente de um sistema de ensino que inclui sujeitos sociais.

DISCURSO, IMAGINÁRIO E MEMÓRIA: ANÁLISE DE DISCURSO E O CURSINHO POPULAR CAROLINA MARIA DE JESUS

Para reiterar, esta seção tem por objetivo fundamental compreender discursivamente o(s) modo(s) de representação imaginária sobre o cursinho popular Carolina Maria de Jesus (CMJ doravante) a partir de um questionário constituído de uma pergunta endereçada aos alunos. Para isso, apoiamo-nos no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de cunho materialista que tem Michel Pêcheux (1988), França, e Eni Orlandi (1999, 2001),

Igarapé, v. 11, n. 1, 2018, p. 83-96

Brasil (UNICAMP), como seus maiores representantes. Algumas noções teóricas advindas desse campo teórico serão trazidas à baila e, *a posteriori*, mobilizadas na análise das respostas referentes ao questionário, quais sejam: condições de produção, identidade e imaginário discursivo.

A noção de condições de produção é uma das mais profícuas dentro da Análise de Discurso, porque permite ao analista de discurso compreender o funcionamento discursivo da linguagem, ou seja, compreender o processo de produção dos sentidos e de constituição dos sujeitos. Em síntese, as condições de produção do discurso compreendem os sujeitos, a situação (contexto) e a memória discursiva⁴.

Para compreender o imaginário que permeia o discurso dos alunos a partir da implantação do cursinho popular CMJ na cidade de Campina do Monte Alegre, isto é, as formações imaginárias que constituem os sujeitos aprendizes do referido curso, é imprescindível delinear as condições de produção em que o cursinho está inserido.

Como já explicitado no início do artigo, o cursinho popular CMJ localiza-se em Campina do Monte Alegre, uma cidade do interior paulista com um dos índices mais baixos de desenvolvimento humano. Portanto, trata-se de uma região bastante carente em vários aspectos da esfera social, econômica, educacional etc. Assim como a UFSCar *Campus* Lagoa do Sino, o cursinho popular foi criado, entre outras coisas, como uma tentativa de intervir nessa realidade a fim de promover mudanças significativas em Campina e região a partir do mote “desenvolvimento regional”. Só para citar um exemplo, um dos ideais do referido cursinho consiste em construir um espaço educacional e cultural a partir do qual seja possível o acesso democrático ao ensino superior de qualidade e gratuito. Afinal como bem afirma Panizzi (2002, P. 13): “O público é o que pertence a todo povo. A universidade pública é a que pertence à cidadania e está a serviço do bem comum” (PANIZZI, 2002, p. 13). Assim, é dentro dessas condições de produção que o cursinho CMJ foi criado.

O imaginário, espaço de organização dos sentidos, faz parte constitutiva da linguagem, ele preside todo e qualquer processo languageiro. A partir dele produzem-se imagens dos sujeitos envolvidos no processo de interlocução e do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica e ideológica determinada. Como diz Orlandi (1999, p. 40), “[...] é, pois, todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras”. Por isso, as imagens

⁴ De acordo com Orlandi (1999), no sentido estrito, as condições de produção são as circunstâncias da enunciação, isto é, o contexto imediato. Em sentido amplo, elas incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e à historicidade). De um modo geral, as CP do discurso mostram a conjuntura em que o discurso é produzido.

fazem parte do processo de identificação dos sujeitos e da produção dos sentidos. Uma vez que o imaginário se materializa no intradiscurso (no fio do discurso), é tarefa do analista relacionar o que é dito (intradiscurso) à memória discursiva, entendida como interdiscurso. É o que objetivamos neste trabalho.

Discursivamente, diz-se que ninguém nasce sujeito. Somos, isto sim, interpelados em (chamados a ser) sujeitos pela ideologia. Em AD, o sujeito é pensado como forma sujeito histórica, o que significa, noutros termos, que as formas de ser sujeito na sociedade são resultado de construções e, por isso mesmo, mudam de acordo com as determinações (conjunturas) sócio-históricas e ideológicas em jogo. Nessa via, é possível dizer que a identidade, longe de ser estática e homogênea, é compreendida como um processo em contínuo movimento uma vez que está intrinsecamente relacionada com a língua, a história e a memória discursiva.

A seguir, analisaremos a pergunta motivadora que norteou o questionário, a saber: **“Em sua opinião, em que sentido o cursinho popular Carolina Maria de Jesus tem contribuído para a sua formação e para o desenvolvimento da região?”**.

Aplicamos o questionário em dois dias, na primeira e segunda quinta-feira do mês de setembro de 2016, durante a aula de língua portuguesa. No total, vinte alunos responderam ao questionário. A partir da leitura e análise das respostas, pudemos visualizar algumas regularidades enunciativas que, a nosso ver, são sintomáticas das representações imaginárias sobre o cursinho, ou seja, são sintoma do modo como, no imaginário discursivo, o aludido curso é significado pelos alunos. Isso permite compreender o cursinho como um acontecimento à medida que, a partir de sua existência em Campina e região, é capaz de produzir deslocamentos importantes nos processos identitários e subjetivos dos alunos. Assim sendo, partimos do pressuposto de que, no modo de representação imaginária, é possível compreender momentos significativos referentes ao processo identitário e subjetivo dos sujeitos envolvidos, ou seja, é possível compreender como a subjetividade e os processos identitários se dão a partir da inserção do Cursinho na comunidade monte alegreense e demais regiões ao entorno.

Vejamos, por exemplo, os recortes das sequências discursivas abaixo:

Recorte 1: “...também me ajuda a conseguir uma faculdade e ser alguém na vida”.

Recorte 2: “... nos ajuda a ser uma boa pessoa lá na frente”.

Recorte 3: “... está ajudando muito para o pessoal o curso “Carolina Maria de Jesus”.

Igarapé, v. 11, n. 1, 2018, p. 83-96

Recorte 4: "... Contribui muito com o aprendizado do pessoal da Campina e de Buri, para pessoas mais velhas que tentam uma vaga em uma universidade".

Recorte 5: "Eu aprendi mais, to indo melhor na escola. A refeição é muito boa."⁵

Observe-se que, no recorte 1, o enunciador projeta imaginariamente no cursinho CMJ a possibilidade de conseguir, conjuntamente, entrar em uma universidade e, o mais sintomático a nosso ver, de "ser alguém na vida". Tudo se passa como se o enunciador em questão não fosse alguém na vida, mas somente a partir de seu ingresso em uma universidade que dar-se-ia graças ao cursinho. Neste sentido, o cursinho CMJ comparece, no plano do imaginário, como um elemento que permite o acesso a um mundo que é possível sentir-se "gente", ou, nas palavras do enunciador, "alguém na vida". Há um silêncio atravessando o enunciado: o sujeito enunciador não se considera nem se sente "alguém". O cursinho está funcionando como alteridade-alhures que comparece, metaforicamente, como uma espécie de porta que dá acesso a uma transformação entre "não ser alguém" e "ser alguém".

Discursivamente, esse modo de significar o Cursinho faz irromper, no fio do discurso, um modo particular de o sujeito (alunos) se significar, se mostrar, se dizer. Ou seja, ao falar do cursinho CMJ, o aluno fala de si mesmo, mais precisamente irrompem sentidos sobre como ele, aluno, se vê, se significa, resultando em um jogo de imagens importantes para o trabalho de escuta analítica.

No recorte 2, o enunciador deixar entrever um sentido bastante peculiar, qual seja: o cursinho é um lugar em que é possível tornar-se uma boa pessoa, instaurando a possibilidade de vir a ser: "... nos ajuda a ser uma boa pessoa lá na frente". Além desse, pelo menos três sentidos constituem o imaginário e atravessam o fio do discurso:

- a) a "bondade", enquanto valor meliorativo, é uma marca identitária do cursinho popular CMJ e é possível adquiri-la a partir de sua entrada nele;
- b) todos aqueles que atuam no cursinho CMJ (professores, coordenador, bedéis, entre outros que têm vínculo com ele, direta ou indiretamente) trazem em si o traço "bondade" levantado pelo enunciador, ou seja, são significados como pessoas portadoras da "bondade", e, por fim,

⁵ A razão de elegermos esse conjunto de recortes e não outro está relacionado ao fato de ele ser representativo das demais respostas que não aparecem aqui por motivo de espaço. Tal conjunto traz regularidades importantes encontradas em grande parte das respostas.

- c) os alunos, enquanto sujeitos, não são “pessoas boas”, mas podem se tornar à medida que entrarem e participarem do curso.

Neste breve estudo analítico, vimos que, do ponto de vista do imaginário, os enunciadores projetam no CMJ a possibilidade de mudança de vida, o que se estende, discursivamente, para uma mudança em sua forma de ser sujeito no mundo: “tornar-se alguém na vida”, “ser reconhecido socialmente” e “ser uma pessoa boa”. Esse modo de se significar – “um não-alguém”, “não reconhecido socialmente”, “ausência do traço “bondade em sua identidade”, etc. – é revelador, pois permite compreender, de um lado, como o aluno se significa, e, de outro, como significa o outro, a alteridade (no caso, o cursinho popular CMJ). Pode-se dizer que o cursinho CMJ é idealizado como o lugar em que é possível ter civilidade para participar do e no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, discorremos sobre a história dos cursinhos populares, inclinando o nosso olhar principalmente aos aspectos sociais, históricos e econômicos que motivaram/motivam a sua aparição na sociedade. Além disso, apresentamos ao leitor as condições de existência do cursinho popular Carolina Maria de Jesus, focalizando as principais características da região em que ele está inserido. Por fim e não menos importante, com base em um questionário aplicado aos alunos, pudemos analisar as imagens construídas sobre o cursinho, procurando compreender como os sujeitos (alunos) o representam e se representam nele. No fio do discurso, irromperam sentidos sintomáticos que apontam para o modo como os alunos se veem (representam a si mesmos) na relação com o cursinho CMJ, sendo esse significado, metaforicamente, como uma ponte que dá acesso ora à universidade ora a um emprego vindouro, melhor. Revelou-se uma dinâmica discursiva importante: num processo de identificação ideológica e inconsciente, os alunos projeta(ra)m imaginariamente sentidos meliorativos (positivos) sobre o cursinho e, na contramão, irrompe(ra)m sentidos depreciativos (pejorativos) sobre eles mesmos. Para nós, esse modo de representação imaginária indica que o cursinho popular CMJ pode, a partir de um trabalho que incida no processo identitário dos alunos, tentar deslocar sentidos a fim de que os sujeitos possam ser subjetivados a partir de outro lugar que não seja o do erro, do fracasso, da incapacidade, da incompetência.

Ficou evidente que os alunos enxergam a importância de um cursinho popular, que valoriza, para além dos estudos, a essência humana. Em uma realidade educacional na qual

Igarapé, v. 11, n. 1, 2018, p. 83-96

os jovens não são tratados com dignidade e respeito, o Cursinho Popular CMJ mostra que é possível construir um processo educacional que traga conhecimento e que valorize o ser humano, para que este se entenda no mundo e queira transformá-lo.

Este artigo foi uma tentativa de trazer à baila os modos de representação imaginária dos alunos a respeito do cursinho popular Carolina Maria de Jesus a fim de compreender o processo de identificação do sujeito. A investigação ora empreendida apontou que o cursinho popular CMJ comparece como um lugar fundamental e produtivo para intervir no processo identitário dos sujeitos-alunos, promovendo, entre outros, sua inclusão no tecido social.

REFERÊNCIAS

- BONFIN, T.A. **O CAPE em nossas vidas:** a visão de um grupo de alunos, ex-alunos e colaboradores sobre um curso pré-vestibular gratuito. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Psicologia e Educação/FFCLRP/USP, 2003.
- BRASIL. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em 28 de nov. 2017.
- D'AVILA, G.T. **O ENSINO SUPERIOR COMO PROJETO PROFISSIONAL PARA “SER ALGUÉM”:** repercussões de um cursinho pré-vestibular popular na vida dos estudantes. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina), 2006.
- FREIRE, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1988.
- ROMANELLI, O. **A história da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SAFFIOTTI, A.; GONÇALVES FILHO, J.M. (2008) **“Crise e transformação:** um estudo sobre a experiência de alunos de baixa renda num cursinho popular”. 2008, 372 p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2008.
- WHITAKER, D. C. A. **“Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares:** Um desafio para a Orientação Profissional”. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* jul.-dez. 2010, vol. 11, nº. 2, 289-297.
- WHITAKER, D. C. A., & FIAMENGUE, E. **“A heterogeneidade socioeconômica vestibulandos dos diferentes cursos da UNESP a partir de algumas variáveis de capital cultural”**. *Série Pesquisa Vunesp*, Vol. 17. São Paulo: Fundação Vunesp, 2001.